

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

50 réis á entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR:

Anno em 52 numeros, 2\$500 réis; Semestre em 26 numero 1\$300 rs.; trimestre em 13 numeros 600 rs.; avulso 60 rs.

— ANNO II — 7 DE AGOSTO DE 1882 — N.º 24 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno em 52 numeros, 7\$000 réis; semestre em 26 numeros 4\$000 rs.; trimestre em 13 numeros 2\$000 rs.; avulso 200 rs.

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. **Lino & Faro**, Rua do Ouvidor.

SUMMARY

GRAVURAS:—Galeria do palacio da justiça em Liège. A mendiga polaca. Dois comedores de sopa. Chegou a propósito (gravura do romance).
TEXTOS:—Actualidades, por Gomes da Silva. As nossas gravuras, por P. C. Domingo dos bebés, por Cypriano Jardim. O banho geral nas Caldas da Rainha, por Juilo Cesar Machado. Rosicler, por José de Souza Monteiro. Um passado tenebroso.

ACTUALIDADES

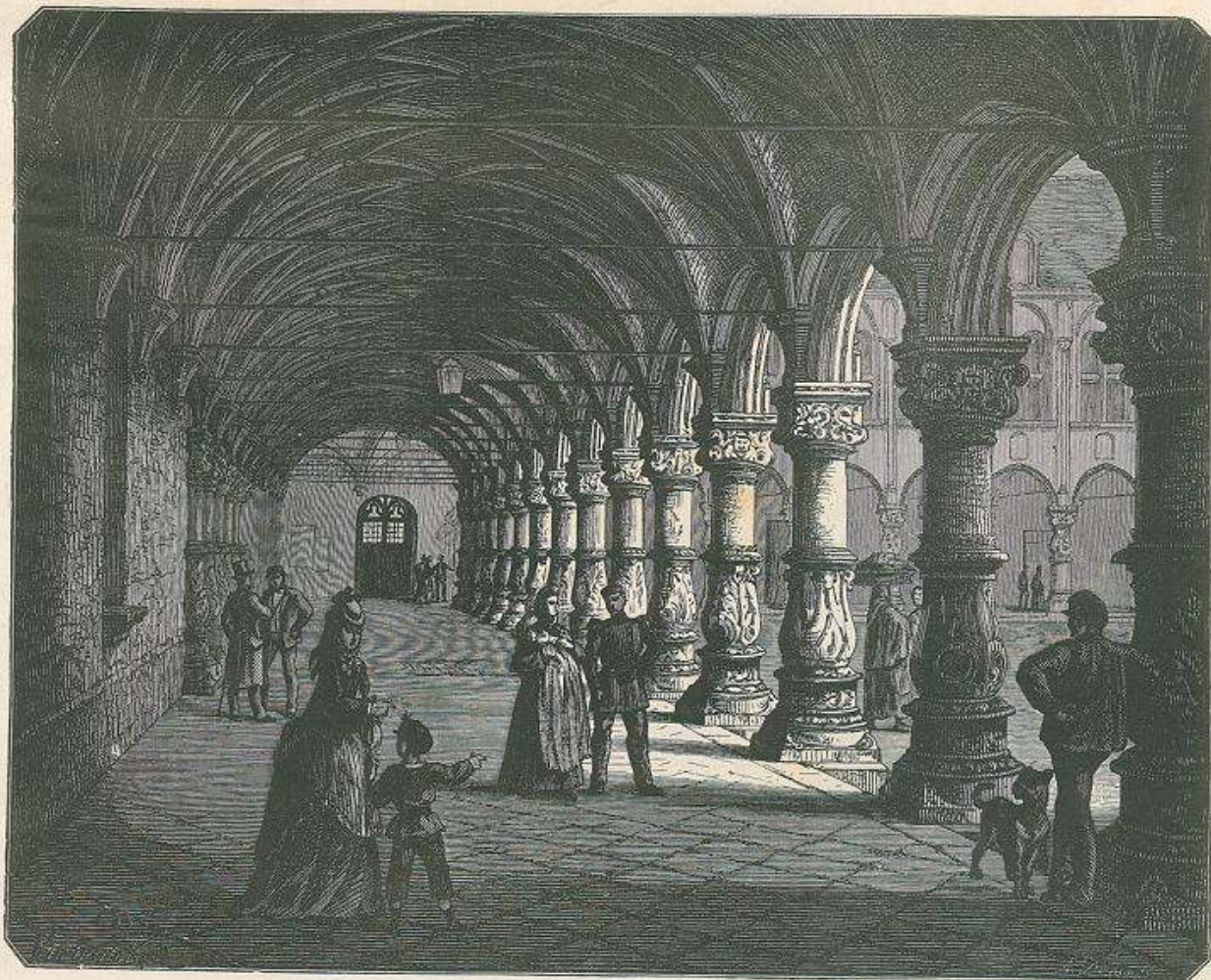
Um paiz sem caminhos de ferro lembra uma mulher sem espartilho.

Bello, sim, naturalmente bello, elegantemente contornado pelas curvas abandonadas e despretenciosas dos seus rochedos e das suas montanhas, offerece-nos o agradável aspecto da Eva tentadora esboçan-

Ha n'elle a esplendida manifestação d'um grande artista, que soube cinzelal-o assim na superficie da terra, como Raphael lançava nas suas telas magicas o collo das suas madonas.

Um paiz, em taes casos, reclinado flacidamente á beira d'um grande mar — grande como o infinito, azul como o ceu — tem, de certo, a indolencia sensual d'uma odalisca; que se espreguiça no fofa tapete do seu harem, alonga serenamente os braços por entre as ondas que marulham, como se estas fossem

maria espessa das suas florestas, ao sopro da viração, como poderia sacudir da fronte as madeixas asseitinadas do seu cabelo; ergue aos ceus as suas montanhas altivas e deixa que a neve as cubra cautelosa, como se ellas fossem a manifestação pudibunda do seu collo sob um ven de cambraia; e, finalmente, na musica realista dos seus valles e das suas serras, entôa um hymno de paz, suave e meigo como um suspiro d'amor sahido de labios sensuaes...



GALERIA DO PALACIO DA JUSTIÇA EM LIÈGE

do as linhas do seu vulto gentil na terra florida do Paraizo.

no seu balanço o que são na alvura da sua espinha — coxim de carinhoso arminho; sacode a ra-

E' muito bonito, sem duvida, e pôde até ser muito agradável tudo isto a qualquer Arabi egypcio,

mas não pôde convir a Portugal, a este paiz que sabe de cor o hymno do trabalho, teve um Peixoto nas Flores e tem um Burnay em toda a parte.

Não quero a minha patria com a languidez oriental: a indolencia paradisíaca; — entorpecem com as influencias do opio os que vivem ou sonham na terra do crescente, mas ergam-se, agitem-se, clamem e façam manifestações hilaritantes os que bebem *Collares* à sopa e *Champagne* à sobre-mesa.

A minha patria, assim como as minhas patricias tem nas suas formas as curvas tentadoras que convidam à admiração e ao amor, mas não tem, mercê do sol, que mais nos sorri e illumina do que nos aquece e quebranta, exclusiva disposição para os sonhos e para os beijos: amam e trabalham.

Que lhes faça bom proveito!

Quando um paiz mais naturalmente se opulenta, não vê que o tempo lhe mingua e aleia as suas cantadas bellezas, e faz d'elle o que faz ao collo d'uma mulher — avoluma-o e enfraquece-o.

O espartilho salva a mulher, em nome da plasticidade; os caminhos de ferro salvam o paiz em nome do patriotismo.

Se houver incredulos entre os leitores, invocarei o testemunho de Gabriel Claudio e do sr. Fontes, dous sujeitos muito competentes em questões de patriotismo.

Uma dama nutrida, opulentamente nutrida, abandonando o seu resistente espartilho, que lhe indicava a cintura, que lhe domava os quadris, que lhe sustentava o collo, deve fatalmente, admirando a lei imperiosa da gravitação, julgar que alguma voz de commando gritou aos seus membros lassos: — *des- cançar armas*.

A agilidade, a força e a elegancia com que a mulher se envaidece, desaparece, então, para que só fique um corpo pesado, enfraquecido, informe; um corpo, que, de saias ou de sobrecasaca lembra sempre o sr. Rosa Araújo.

Um paiz está n'este mesmo caso: o que o chocolate de Mathias Lopes pôde fazer a uma mulher, fal-o a um paiz o trabalho dos seus homens e a fertilidade do seu solo: se não o espartilharem com vigorosos caminhos ferreos, ficará sentado no ponto geographico que lhe designaram, suado, arquejante, plethorico!...

O espartilho explica no bem lançado das suas linhas as bellezas esculpturais d'um busto feminino, e corrige, com o esforço resistente das barbas de baleia e das laminas de aço, as que se desviaram entre protestos solennos; os rails, estreitos, metallicos, parallellos, formam *cintura* no paiz mais obeso, e lançam se, depois, a corrigir deformidades, ora na face dos montes, ora na face dos rios.

O paiz, que por tal forma ajusta, equilibra e aformoseia o seu corpo tem menos flexível a espinha e mais ageis os movimentos, embora não use já o abandono voluptuoso dos seus caminhos e atalhos, que lembram as pregas largas, soltas, irregulares das tunicas das Magdalenas.

Assim não parece elle uma odalisca, não, flexível como uma serpente que, em mostra de expositor, faça e desfaga os seus caprichosos anneis; parece uma tricana elegante, robusta e agil, andando affanosa pelos campos, pelas praias e pelas cidades, tendo sempre nos labios, ora o canto alegre e apaixonado, ora o pregão commercial e harmonioso.

A Beira ou tinha exuberancia de tecido adiposo ou extrema debilidade de espinha; o caso é que ella, apesar de não querer funda, nem almofada Holman, não poudo prescindir de caminhos de ferro.

Este facto foi o mais notavel da semana, mas o

que a toda a gente deve surpreender, é que não tenha sido o mais notado: não teve commentarios nem applausos; passou quasi invisivel sob o fogo constante das baterias politicas.

Chegámos até a suppor que deitar rails ao solo d'uma provincia o mesmo era que deitar gatos em vasos quebrados, e tel-o-hiamos acreditado se fosse possível, n'estes tempos em que não existem nem Noé nem a sua arca, combater com os *gatos* da Beira os *cães* de todo o paiz.

Um caminho de ferro a mais n'um provincia formosa e rica devia ter sido alvo de todas as attentões — era a viagem da civilisação atravez dos povos; — a viagem d'el-rei, porém, preoccupou todos os animos e deu ensejo a luctas acceas entre os partidos politicos. O pleito reduzia-se a pouco, ao que parece: uns queriam levar el-rei a Vizeu, e outros esforçavam-se por fazer com que el-rei fosse a Serra.

Queriam até affirmar que el-rei, e os principios que sua magestade representa, estavam encanecidos como o Fausto de Gounod, antes de conhecer Mephistofeles. Ora, o Mephistofeles do chefe do estado, n'este caso, foi o sr. Fontes, e a Beira, a esplendida Beira, appareceu ao Fausto rejuvenescido com toda a sua ingenuidade e belleza.

Questo idyllo, sim, idyllo inebriante, que só tem de máo o começar pelo cofre das joias, e acabar pela descida aos infernos.

Se não fôra isto, tudo o mais era delicioso; muita musica, muito amor, muitos transportes e muitos foguetes.

A proposito do Fausto de Gounod fallar em foguetes é d'um máo gosto que o sr. Antonio Duarte nunca me perdoará.

Verdade seja, que ao vêr o *Fausto* do *Colyseu* julguei que o jardim de Margarida se convertera n'uma pequena facha do Passeio Publico, e n'esse caso a pyrotechnia não era de todo mal cabida.

Eu sempre julguei aquella mansão de amor, em que a Romeldi colhe flores e applausos, como um pallido reflexo do jardim que eu admirei em S. Carlos, na epocha em que Mongini dava o *dó* e eu dava seis tostões para o ouvir.

Bella musica e bello scenario! Musica que me faz saudades de Mongini, scenario que me faz saudades de Rambois. E por muito tempo não haverá tenor que faça esquecer aquelle, nem pintor que calcule com o seu pincel e as suas tintas as necessidades financeiras da municipalidade de Milão.

E' certo, porém, que sem Mongini e sem Rambois não era facil improvisar theatro lyrico como o do novo circo — tão barato, tão fresco, e tão desabastado.

Aquillo é uma delicia: chapau na cabeça, charuto na boca, almiré entre os dentes e o charuto, a ouvir musica e a fallar em litteratura e em politica.

Um *fauteil* do *Colyseu*, nem parece um *fauteil*, parece um wagon; os nossos vizinhos tagarellas arrastam-nos aos mundos longiquos da maledicencia. Foi n'um d'elles que eu assisti, durante uma semana inteira, ao desfilar d'um grande repertorio musical e tive noticia de tudo que se passava desde a *Serra da Gata* até ao Martinho, e desde a Porta Ottomana até ao gabinete francez.

Um dia dizia-me um amigo, com ares de quem dá uma grande novidade: — cahiu o Freycinet.

Freycinet! observou espantado um visinho da direita. Freycinet!? Eu não sei francez, mas compreendendo alguma coisa. — Então sempre foi agarrado, coitado! e eu que era e sou tão amigo d'elle!...

— De quem julga o sr. que nós estamos fallando? respondi eu para pôr termo aquellas lamentações mal cabidas.

— De quem? Então os srs. julgam que eu não comprehendí o que disseram?

CAHIU O FRANÇA NETTO!

E é assim que sem saber como, nem como não, a conversação no *Colyseu* salta de repente da assembleia nacional reunida em Paris, para os comicios opposicionistas da rua de S. Marçal.

Passa-se n'aquelle logar uma bella semana, embora quando chegamos ao sabbado e attentamos na cancela dos artistas, tenhamos vontade de pedir ao sr. Molina o que os caixeiros pediram aos seus patrões — que não abra ao domingo.

GOMES DA SILVA.

AS NOSSAS GRAVURAS

Galeria do palacio da Justiça em Liège

Ufanam-se muito os belgas com este palacio de justiça, que, pelo que se vê, não se assemelha muito ao nosso *palacio de justiça* da Boa Hora. Era antigamente o palacio episcopal, e a sua primeira fundação data do seculo x, mas reconstruiu-se no seculo xvi, depois de um violento incendio que destruiu o edificio primitivo.

O palacio todo é esplendido, mas a parte que inspira o mais vivo enthusiasmo aos Belgas é exactamente a que a nossa gravura representa. Esse pateo principal do palacio, com as suas sessenta columnas carregadas de esculpturas, n'um estylo desconhecido nos paizes do Norte, e que só se encontra na Italia, na Hespanha, em Portugal ou no Oriente, é mostrado aos estrangeiros com um grande orgulho como a maravilha da Belgica. Citam-se as opiniões da rainha Margarida de Navarra, a famosa rainha Margot tão conhecida dos leitores de Alexandre Dumas e do imperador Carlos v, de outros illustres visitantes que acharam encantadora esta famosa columnata.

Efectivamente a galeria é magnifica, e parece na realidade que foi transportada por algum genio de contos de fadas do *mihrah* de Cordova para o industrioso Flandres.

Não se sabe quem foi o architecto que delineou e edificou este pateo, mas supõe-se que era de origem meridional. Efectivamente um architecto nascido nas margens do Mors não se lembraria facilmente d'esse gracioso plano. Foi porém algum architecto hespanhol, que tinha nos olhos a miragem das cathedraes de Cordova e de Sevilha, que imaginou dotar o palacio dos catholicos bispos de Liège com essa recordação da Andaluzia arabe. Esta hypothese é tanto mais verosimil quanto no tempo em que se andava construindo ou reconstruindo o palacio episcopal de Liège, estava esta cidade sujeita ao dominio dos soberanos hespanhoes.

Não invejamos contudo aos Liégenses o seu pateo principal do palacio da Justiça; temos... o claustro da Boa-Hora.

A mendiga Polaca

São duas palavras que facilmente se associam, e ninguém ao ver esse vulto de mulher curvada pelo desalento e pela miseria, obrigada a estender a mão á caridade dos transeuntes, deixa de pensar na sua infeliz patria, cem vezes esmagada pelo destino

adverso, e cujos filhos, dispersos pelo mundo se veem bastantes vezes reduzidos também a estender a mão á caridade. Houve um tempo em que a Polónia, por mais que se sentisse calcada aos pés pelos cavallos dos cossacos, não perdia a sagrada esperança da resurreição. Hoje parece que, como essa mendiga que a nossa estampa representa, curvando decididamente a fronte ao destino, esmagada por esse enorme peso do vasto imperio moscovita com os cem milhões de habitantes que as ultimas estatisticas lhe attribuem, não sente a forças para reagir contra o infortunio! E' verdade que ainda ha dois annos, nós os portuguezes, podíamos ouvir na vasta sala da Academia das Sciencias a voz energica e bem timbrada de um escriptor publico affirmar nobremente a existencia do seu paiz, exclamando que a Polonia, continuando a manter na esphera intellectual a sua nobre autonomia, dizia ao mundo como Descartes *Cogito, ergo sum* — Temo, logo existo. Mas esse protesto vigoroso e violado parece que já não encontra ecos nas margens do Vistulo e do Niemen, e no tumulto de Langievios pode inscrever-se a phrase desalentada de Kosciusko: *Finis Polonia!*

Dois comedores de sopa

O pequeno, que procura com ares severos impôr silencio á cuba do cão, seu cunplice no malificio, começa a experimentar uma triste verdade, que depois na vida poderá reconhecer mais amplamente, e vem a ser que em qualquer acção illegal os cunplices são mais terríveis do que os proprios representantes da lei violada e da justiça offendida.

Ora este cão é um cunplice. O rapazote ficou senhor da casa, e entendeu que devia comer illegalmente uma boa malga de sopa. Entendeu que não poderia praticar esse acto culpado sem chamar aos seus interesses o cão, que, inimigo das theorias pródhonianas, e conhecedor das leis que regem a propriedade, seria muito capaz de rosnar, se o visse invadir assim um terreno defezo. Com uma perspicacia pois extraordinariamente precoce, o nosso rapazelho arranhou um prato de sopa com o seu competente osso, e deu-o ao guarda da alfandega, que, segundo se vê, apesar de pertencer á raça canina menos corrompida do que a raça humana, segundo a opinião de Byron, também deixa passar contrabando, contanto que se lhe deem razões convenientes, e um prato de sopa com um osso bem vestido de carne é a razão mais forte que até hoje se tem encontrado para convencer os cães da conveniencia de fecharem os olhos, e de reservarem os seus ladridos para melhor occasião.

Se ha Plutarcho entre os cães, este que figura no quadro do pintor escocoz Type, não figurará igualmente nas *Vidas dos cães illustres*. Este cão de decadencia não rejeitou os presentes de Artaxerxes, mas, dotado de um bom appetite, e de um apparelho mastigador de grande velocidade, deu cabo n'um instante do quinhão que lhe foi distribuido, e em vez de se contentar com elle como qualquer patife de palavra honrada, tratou logo de reclamar nova dose. O quadro representa o pequeno no momento em que trata de prégar moral ao seu deslealissimo cunplice. O cão por ora está com ares de quem diz: Bem o préga fr. Thomaz. Como acabaria a contenda? Lograria o rapazote a convencer o cão de que um larrapio honrado não tem senão uma palavra, ou o cão seguindo um exemplo vulgar pelo menos na historia da humanidade, porque não temos encontrado nas bibliothecas as chronicas de canzoada, ameaçou deitar a casa abaixo com os seus ladridos se lhe não

comprassem de novo o silencio com mais um pratalhaz de sopa? Não o sabemos; se o cão se calou, e se o pequeno sobreviveu a este maleficio e a esta malga de sopa, no futuro saberia este joven criminoso que não são tão facéis de contentar os homens como os cães, e que o silencio dos cunplices custa quasi sempre a sopa toda!

Esperamos contudo que tanto o rapaz como o cão não continuariam a percorrer a estrada do crime e que dois acoites bem puxados no rapaz, e duas chielladas no cãozinho conseguiriam regenerar os dois facinoras muito mais rapidamente do que a Penitenciaria de Campolide ha de regenerar a malandragem portugueza das epochas futuras.

O DOMINGO DOS BÉBÉS

SERÕES HONESTOS

(Contos)

UM HOMEM

(Continuado do numero 22)

Andei tres dias a scismar no que o João me contára. E conjecturava...

Se seria, realmente, para si, que a mãe do João ganhava assaz dinheiro com os filhos?

Pois haveria mãe que, para arranjar enfeites, sugestasse os seus filhos a pedir esmola?

Não podia ser; aquillo... ou uma grande necessidade... ou, então, uma infamia...

Alguns vicio baixo que ella escondesse?... bebidas?... um amante ordinario, devasso, que lhe exigisse dinheiro?

E o João?... Saberá o João?...

Quando me appareceu, foi a primeira pergunta:

—E tua mãe, João?... dize! tua mãe fugiu de casa... para ir... ter com elle?

—Fugiu; foi para casa do avô... e depois... nunca mais a vimos...

—Mas então... teu avô?... dize lá! dize!

E o João, pegando no fio da sua historia, desenganou-me.

Não era nada do que eu suppunha.

Não havia vicio, nem infamia que levasse a mãe do João a arranjar dinheiro ás escondidas do marido... Aquillo era apenas o resultado do erro muito vulgar, muito natural, das educações de Lisboa...

A mãe do João era filha de um empregado publico, um official de secretaria que as filhas obrigavam, na especulação do casamento, a apparentar pelintramente, uma convencional aristocracia burocratica.

Processo usual, que por ahí se emprega a cada passo.

Vive-se n'uma agua furtada, onde não ha luz, nem ar, nem acoio; come-se sempre mal; uns alimentos de rebutalho, comprados de manhã cedo, a uns vendedores d'ocasião.

Isto produz a economia bastante para se: aprender a tocar no piano umas valsas de opera-economica, e para se poder sair á rua com um vestido de velludo inglez, e um chapéu de fitas garridas, que: hão de provocar, nos espectaculos baratos, os olhares atrevidos d'uns rapazes que costumam fitar as muheres com grandes descaramentos de apreciadores, de quem conhece o que é bom... sujeitos fortes, que não tem crenças, nem illuzões, nem exame de instrucção primaria.

Infelizmente, quasi sempre succede, pelo systema, que os conquistadores passam, e os annos ficam...

Que foi o que succedeu á mãe do João.

Depois de largo tempo gasto em amores, que iam morrendo todos, como as rosas, a mãe do João encontrou-se um dia sósinha, na sua trapeira escura, a conversar muito triste, com os seus 32 annos de solteira, que n'aquella sua vida, tinham chegado tão depressa, tão reaes, sem uma esperança realisada, sem um sonho sequer de um futuro modesto que fosse...

Tanto tempo perdido... para no fim...

Nada! era preciso mudar de processo... não escolher tanto... nem amar tanto. Afinal todos os homens se parecem, e o que a gente quer é um marido...

Depois... depois, veremos...

Foi então que appareceu, por acaso, o mestre de instrucção primaria...

Ella deitou-lhe logo a mão... que remedio!

E d'ahi... talvez fosse feliz... às vezes...

Não foi feliz; não podia ser feliz; impedia-lh'o a educação que tivera.

Por isso os filhos, e o amanho da vida de casada, deram-lhe logo profundos desgostos... Aquillo não era, realmente, o que ella sempre tinha imaginado... uma decepção! Ah! Nunca se calcula a vida, como ella realmente é!

Nunca!... porque... porque, quando, ella vivia em casa do pae, fazia-se, é certo, o sacrificio das commodidades, do conchego, da comida, de tudo, mas sempre se arranjava um vestido, um chapéu, umas botinas para apparecer no Passeio... em Belem... e quem ali a via, não adivinhava, com certeza, o que lá ia por casa...

Apparentava-se... agradava-se, que era a grande questão.

Mas agora!

Agora, o homem chegava, á noite, com uns magros cobres suados, que mal chegavam para dar de comer aos filhos, e, às vezes, raras, para algum reles vestido de lã barata, ordinaria, muito inferior a *percale*! á *percale* de que ella d'antes fazia robes de chambre — só para andar por casa! Então sim! mas agora! A differença da vida antiga para esta!... para isto que não era, afinal, mais do que um laço, uma cilada em que ella tinha caído!... E' o que era!... o marido não passava d'um patife, d'um traste que a tinha enganado! Era um tratante que não se contentava em não ganhar para a trazer com decencia, mas que ainda em cima, a enedia de filhos para lavar, para coser, para a sacrificarem de todo!... uma escrava!

—Porque ella por fim tinha casado — é o que se via! — para ser escrava dos filhos!... E' o que ella era! Uma negra! Nada!... o verdadeiro, a resolução talentosa do problema, era aproveitar os filhos: obrigar-os a ganhar para a mãe... pois então! E alugou os filhos á visinha, para a sua industria de mendiga nocturna.

E aqui está como o João e a irmãsita, ganhando para a mãe, aprendiam, de creanças, a roubar a sociedade ao abrigo da lei, n'aquella escola immoral da vil mendicidade hypocrita... e tolerada...

(Continua).

O BANHO GERAL

NO

HOSPITAL DAS CALDAS DA RAINHA

O banho geral, assim chamado, por caber lá toda a gente, e para o differença da isolada tina onde se banham os ultimos solitarios que sobreviveram ao

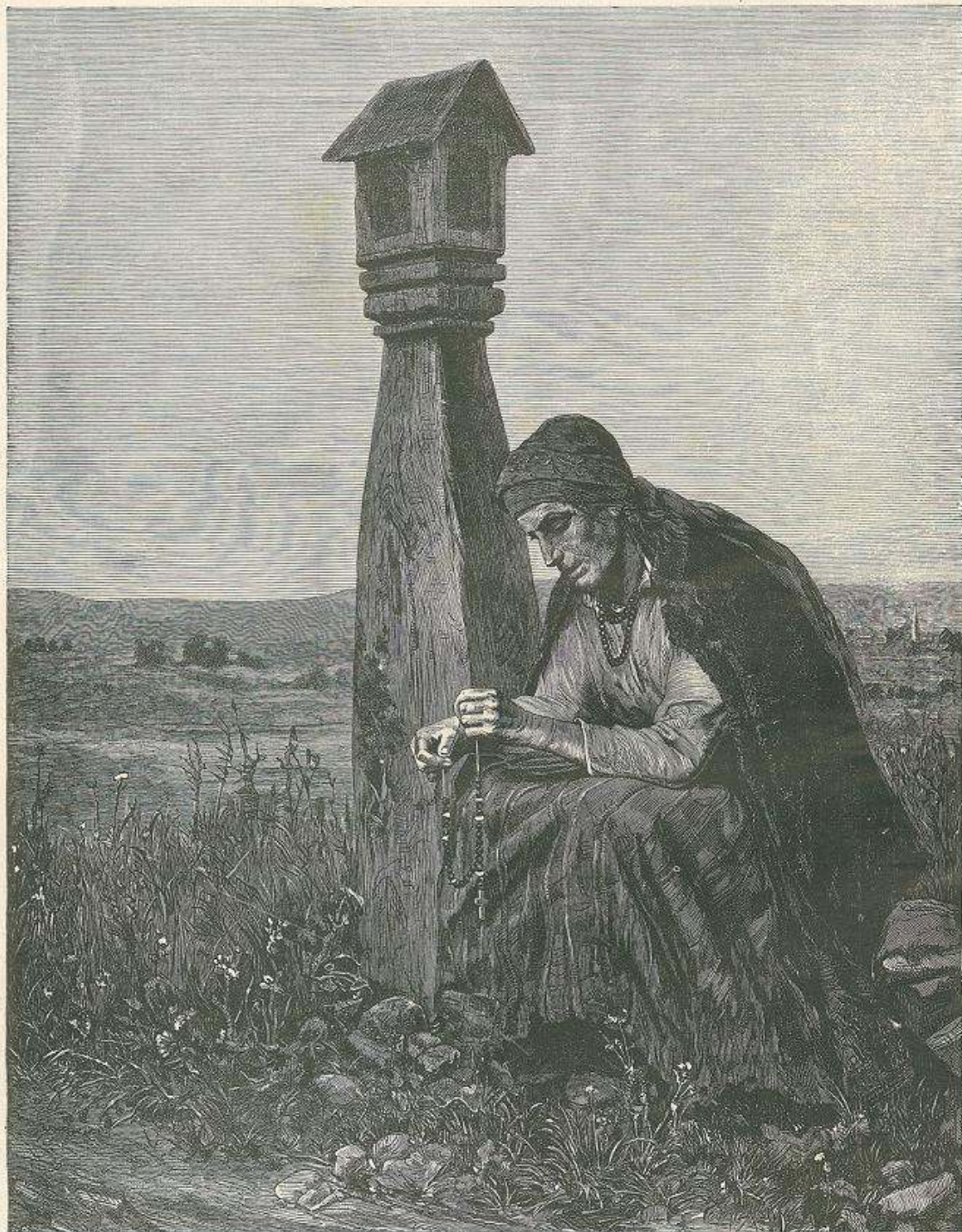
d'aguas : falla-se d'elle, mercedamente e muito mais até do que, uma vez lá dentro, se fallou jamais,—por não ser de rigor alli senão cantar, tocar, dançar, podendo a palavra ser dispensada, pelos estatutos e pelo código da elegancia obrigatoria.

O club vem depois do banho geral, positivamente. E é para desconfiar que isso, o preocupa um pouco mais do que se calcula, se pensarmos que a af-

lidade do homem ; segunda prenda,—em vez de custar dois tostões, como os das tinas, ser de graça.

O simples instincto leva a creatura, por menos culta que seja, a apreciar estas vantagens ; ao passo que, os espiritos esclarecidos, as proclamam desde logo, e as adoptam jubilosamente.

D'isto resulta, que, enquanto o chefe Pavão, em-



A MENDIGA POLACA

romantismo, é o ponto de reunião da população fluctuante das Caldas da Rainha.

O club vem depois.

Falla-se muito d'elle, bem o sei, d'esse club, que abre em maio e fecha em outubro ; falla-se d'elle, como de uma casa espacosa, que tem piano e jornaes de um lado, bilhar do outro, meia laranja á frente e passeio publico por detraz ; falla-se d'elle como lo chamado *Salão de conversação* das terras

fluencia, grande caracteristico dos triumphos, corre para o *banho geral* em onda muito superior á dos ranchinhos de que o club se gloria.

Duas prendas recommendam, entre as virtudes varias que o assignalam na estimação publica dos forasteiros, essa piscina, a tantos respeito formidanda e benefica ; primeira prenda, ser alli que se encontram as nascentes d'aquella agua milagrosa, que só passa ás tinas, como uma demonstração da habi-

pregado activo, que entre outras difficuldades a vencer, tem a de estar sempre sufficientemente habilitado nos segredos do idioma castelhano, a fim de comprehender e dar resposta prompta ás graças d'essa bella lingua, quando falle com os cavalheiros hespanhoes, e não só com os cavalheiros, porem com as gentis damas em quem o rheumatico não deveria ter poder ; d'isto resulta que, enquanto o sr. Pavão faz inscrever n'um bem ordenado caderno me-

morandum, os trinta ou quarenta nomes dos banhistas, que honram a secção das tinas com a sua especial preferencia,—os enfermeiros do banho geral acolhem de braços abertos, os quatrocentos visitantes, que os procuram pressurosos desde a madrugada.

Quando digo madrugada, alto ahí; as tinas são

Tres são os enfermeiros; guardas e defensores d'aquella agua amiga:

Manique, Camillo, e Oliveira.

Dizia-se dos tres grandes pianistas:

Chopin é um poeta.

Thalberg é um rei.

Lizt é um propheta.

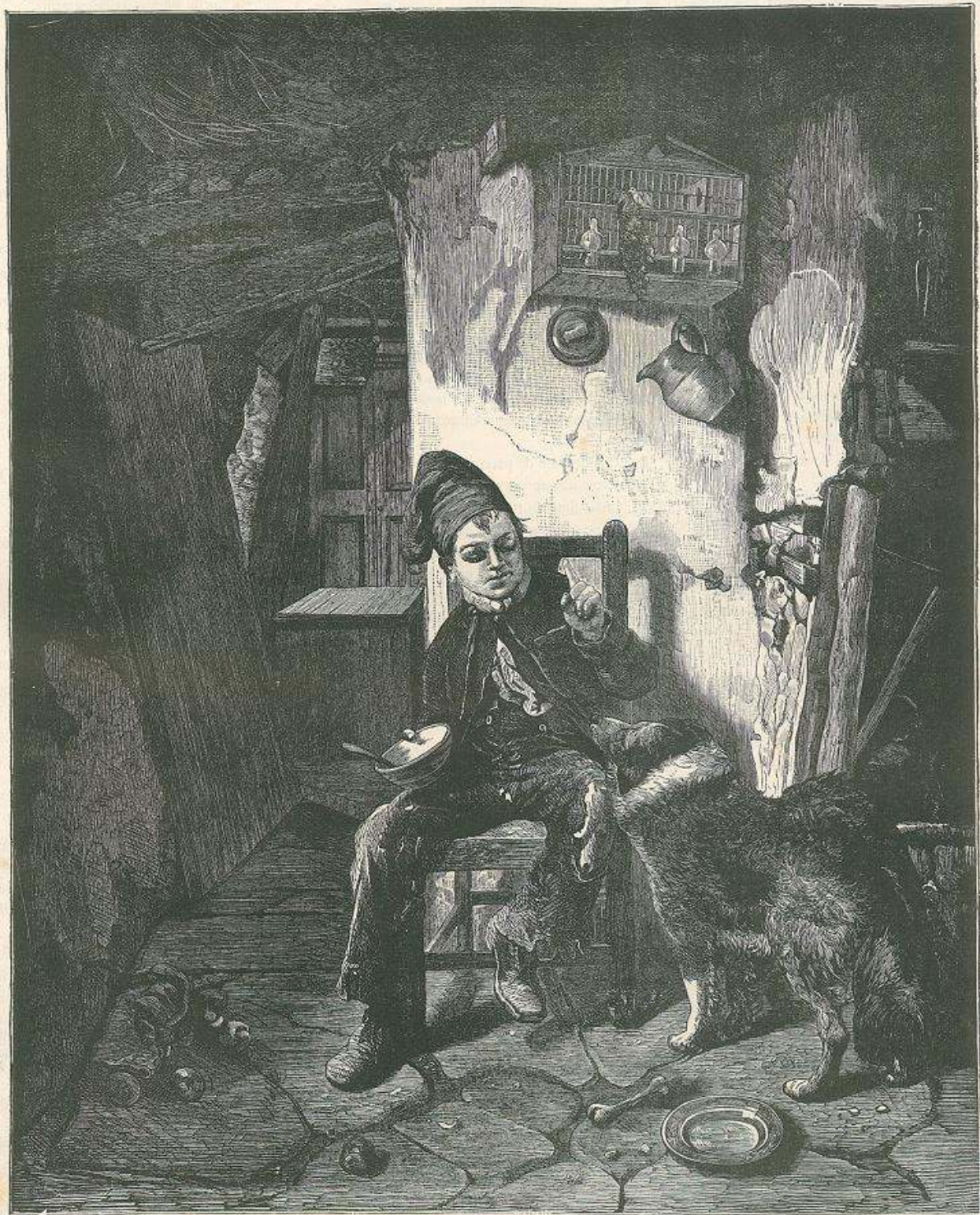
Dos tres enfermeiros do banho geral, poderiamos dizer com acerto, que:

O Oliveira é um sanguineo.

O Manique um lymphatico.

O Camillo um prudente.

Ou: o Manique um moderno—O Oliveira um homem da idade media—o Camillo um antigo.



DOIS COMEDORES DE SOPA

muito mais madrugadoras, e recebem no seu seio, dando entrada desde as cinco horas da manhã por uma porta meia cerrada, os amorosos visitantes que as procuram; ao passo que o banho geral, o banho dos pobres ou antes dos pobres e ricos, o banho *omnibus*, só recebe às sete horas a vasta e pressurosa multidão que corre a elles.

Já se vê que eram tudo isto, ou pareciam ser tudo isto, quando tocavam piano; fora d'isso, eram uns homens como todos os outros, com a differença apenas de que o Chopin tivesse um ar mais triste, o Thalberg um ar mais grave, e o Lizt o cathello mais comprido do que a maior parte dos outros sujeitos que andassem pela rua.

O amor ras suas eternas illusões, leva-nos a pensar, logo que a estes tres homens confiamos o nosso fato e d'elles recebemos misericordiosamente o lençol,—que haja sido para nós, que o destino os fadasse;—porem, não: elles não são nosso; elles são dos outros, dos que estão lá em cima, dos doentes do hospital, dos verdadeiros doentes d'aquella casa...

Esses verdadeiros doentes, porém, são pobres e se elles os deixam, e os trocam pela nossa companhia, é porque o seu affecto, como tantas vezes acontece com as dedicações que mais puras se nos figuram, é interesseiro, é mercenário, e se deixa arrastar pela tentação do ouro, esse poder fatal que vence os homens, e com o qual, na nossa ambição de termos quem nos sirva, procuramos sujeitar os a vestir-nos e despir-nos, como se fossem nossos, como se não fossem dos outros, dos lá de cima!

Ha lá por fóra uns doutores, tidos e havidos por medicos d'aguas, não porque pertencam a uma faculdade separada da escola de medicina, sejam senhores de diplomas novos, e possuam estudos especiaes, mas, porque de simples medicos terra a terra, se enfeitam de subito, para serem agradaveis á sua clientella, a receitam a uma pessoa, tudo o que lhes appeteca. Em se tratando de ir para Aix, logo o medico descobre uma metrorrhagia passiva para os Pyreneus, bronchite chronica, ou em caminho d'isso; para Spa, uma chloróse de primeira ou de segunda qualidade.

Nas Caldas da Rainha, todavia, não ha mal de que um ser humano possa mostrar-se agoniado sem que logo o Mané, o Thekel ou o Pharés,—perdão, o Camillo, o Oliveira, ou o Manique, expliquem ser exactamente para aquella enfermidade que o tratamento pôde prestar maior milagre.

—Mas se o que eu tenho é dispepsia.

—Faz bem, o banho!

—Mas, se é ligado?—Mas, se é hysterico?—

—Mas, se é cholorose?—Mas, se é aquella flor lúesta, a que o vulgo chama escrophulas?

—Faz bem, faz bem!

—Mas se é esterilidade... da minha mulher?

—Faz optimamente! So se expõe a ficar fecunda de mais.

Os medicos, pelo anno adiante, vão receitando, nos diversos lugares onde se achem, e os remedios são grãos de trigo espalhados nos corpos dos doentes; de quinze de maio, ao fim de outubro, o banho geral régua-os a primor, e consegue-se farta colheita para os doutores e para os enfermeiros.

As regras do calendario thermal, estabelecem, que, de tres em tres banhos, se descanse um dia: e a malicia social aconselha, que se abra um parenthesis de um mez, no ram, ram da despesa da casa, no viver de Lisboa, e que, salvando-se as apparencias aos olhos do mundo, e equilibrando o orçamento, se passe a viver de pescada e cherne da Nazareth, lagosta a pataco, arroz de ameijoas, tai-nhas da lagoa, e pecegos a seis vintens o quarteirão. Perfeito descanso!

Nunca as aguas de Oedipso, que no tempo de Plutarcho, poseram o Sylla hom do rheumatismo, foram contadas em melhores termos, do que, banhistas e enfermeiros, enfermeiros e banhistas, contam, nas Caldas, dia por dia, o assombro de prodigios do banho geral!

No primeiro rompante da turba, logo que pela manhã se abrem as portas, a agua faz-se roxa com a gentiaga que lhe salta dentro!...

Vão aos vinte e aos trinta, de catapuz, pelos tres degraus, que separam o vestidouro da piscina; lapuses, que dão o cheiro á agua, em vez de o receberem d'ella, e quasi lhe fazem perder o grau da vida que a torna preciosa. Esses são os doentes serios, todavia; são os que merecem mais que se occupem d'elles, são os pobres, os melhores clientes d'aquelle hospital, visto como é Deus que se encarrega de pagar por elles, e que, á sombra d'essa idea vive aquella instituição hospitaleira, á sombra d'el-

la lhe dá o governo uma dotação, á sombra d'ella tem tido heranças,—para que os pobresinhos possam banhar-se, como o paralytico do Evangelho na piscina de Siloé.

A partir d'esse instante, mudam-se as aguas de duas em duas horas. O cheio, o grosso, o chorudo da burguezia, põe-se de molho, das oito para as nove. A's dez horas, mais bocado, menos bocado, chegam os *gros bonets*: já o Manique diz com recolhimento, apartando a roupa:

—O lençol do sr. conselheiro!

Já o Oliveira, chamando o ajudante para dar á manivella enquanto elle empunha a mangueira, brada, em tom pomposo:

—Jorro para o sr. conselheiro.

Já o Camillo dispendo a *mise-en-scène*:

—Os calções, diz, do sr. conselheiro.

Ah! é um bello espectáculo! A nascente então como que incha, a agua aquece, e o tanque treme de grandeza.

Das duas horas ás quatro, é a *maré* dos artistas e dos conversadores. Alli é apresentado um cavalheiro a outro, alli se estabelecem relações para o resto da vida, alli se contam casos, alli se julga o governo, alli se põe tudo nos termos de uma philosophia fresca, alli se leva decididamente a melhor ao club; basta a vantagem de não se recitarem versos, e não se cantarem arias!

De tratamento e de preceitos, a essa hora, nem palavra; é como se no mundo, nem houvesse medicos, nem doentes; mergulho sobre mergulho, e disse... Se o correr do tempo fosse como o do sangue, que se revela ao dedo com que se toma o pulso; se o tempo tivesse forma e côr, se houvesse exalações de futuro, e que, antes da erupção, fosse dado conhecer o mal pelos symptomas; se as aguas tivessem o segredo de injectarem o mundo de vigor e saude, que pechincha seria, para os que não se podem ter nas pernas!

E, ás vezes, é; eis o milagre! E ali está, porque a esperança não se affunda nunca, por mais que a gente mergulhe no banho geral!

Banho por excellencia, banho maravilhoso! Chamem embora os doutores, tocando com força as suas trombetas, a attenção para outras aguas; puxe cada medico os doentes para o seu banho, e arrede-os, furioso, do banho do outro—*iracundia, medicorum, pessima!*—é o banho geral que ha-de fazer viver o hospital! É o banho geral que ha-de fazer viver a villa. Comtante, que nunca os doentes deixem de levar consigo uma porção de alegria, sufficiente para poderem divertir-se nos passeios, no club, e até dentro da agua; sem o que terá de perder-se uma parte essencial do tratamento do bom resultado que deva colher-se d'elle...

JULIO CESAR MACHADO.

ROSICLER

ESTANCIAS

(DE H. HEINE)

Adora a borboleta a rosa estiva,
enlaga-a em longos vãos bulicosos;
á borboleta a luz do sol festiva,
cinge-a de fulvos beijos amorosos.

Quem é que a rosa virginal requesta?
Tinha em sabel-o tanto empenho e tanto!
Acaso o rouxinol do mesto canto?
a estrella d'alva, lucida e modesta?

Não sei quem ama a rosa purpurina;
apenas sei que adora esta alma inquieta
a rosa, o rouxinol, a borboleta.
a luz do sol a estrella matutina.

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO.

EXPEDIENTE

Rogamos aos nossos estimaveis assignantes e correspondentes, que desejarem capas em percalina para encadernação do 1.º anno, o obsequio de as requisitarem com brevidade, por isso que está quasi esgotada a segunda tiragem que fizemos.

A EMPRESA.

UM PASSADO TENEBROSO

(ROMANCE PELO AUCTOR DA HEROINA DO MAL)

(Continuado de pag. 184)

Com effeito, Paulina e Mangonneau foram ao hotel.

A viscondessa ao vêr o irmão, desatou a chorar e disse-lhe:

—Justino, Justino, desiste da tua idea... Olha que matas nosso avô...

—Não é esse o meu desejo; queria explicar o meu procedimento, de que só elle é culpado, porque me não dava um soldo... Mas... porque me não participaste o teu casamento?... Pois hontem conheci-o em Liège... Vocês divorciaram-se?

Paulina continuou a chorar e Mangonneau respondeu:

—É inutil esconder-lhe que sua irmã e seu avô estão debaixo do pezo de uma enorme desgraça. Sejam portanto quaes forem os seus projectos, espero que os adiará para outra occasião.

—N'esse caso volto para Paris... Mas olha, Paulina, devo prevenir-te que Seraphim Turquant está aqui.

—Aqui! exclamou Paulina. Ah! meu Deus! porque me abandonas?

—Tudo se ha de arranjar, tornou o irmão. Esta noite hei de estar com elle e com Gibraltar... Promette que amanhã vens visitar-me sósinha, e dá-me um abraço.

E despedindo-se da irmã, beijou-a, abraçou-a; e a viscondessa com voz tremula accrescentou:

—A'manhã venho; tem a certeza.

Paulina passou o dia seguinte em continuas deliberações. Foi ver o irmão, esteve com Valenson e Morlant, conferenciou com Mangonneau e a madrinha. Finalmente decidiu-se propôr aos velhos Desherbiers que voltassem á França, ao que elles annuiram promptamente.

XXII

San Marco teve sempre uma especie de fraco pelo visconde. O seu plano e o de Malescot era unicamente roubar-lhe o dinheiro, conservando-lhe a vida. Quando Donaciano sahio de casa do judeu, sentiu a certa distancia que lhe deitavam um panno pela cabeça, e sendo agarrado pela frente e pelas costas foi atirado ao chão, amarrado de pés e mãos e amordaçado com extraordinária rapidez.

Mas na occasião da queda, ponde apanhar uma pedra, com que feriu San Marco em uma das faces, e lançando-lhe a mão á cadeia, fez cahir uma medalha.

Imagine-se o que elle sentiria quando lhe roubaram a carteira, sem poder tugar nem mugir.

Perpetrado o crime, os saltadores retiraram-se, e San Marco disse a Malescot:

— Diabo, esta carteira custa caro ao meu coração. Ha dez annos que sou amigo d'aquelle diabo, e estou com pena de o deixar alli... mas não ha remedio...

Donaciano, ficando só, começou a pensar na grande perda, que soffrera, e não sabia o que fazer á sua vida. Olhou para todos os lados e viu no meio da sebe uma estaca bastante grossa... Se pudesse ir de rastros até lá! Elle era robusto, vigoroso, e depois de esforços inauditos, chegou ao desejado salvação, a muito custo introduziu-o entre os braços, virou-se, revirou-se, e conseguiu desenhencillar-se. Como tinha na algibeira uma faca e um punhal, cortou a corda que atava as pernas, e cillo completamente livre!

La para retirar-se, e vê luzir uma coisa no chão. Apanhou-a e mettu-a na algibeira. Quando, recuperada a necessaria tranquillidade, observou o objecto, e o reconheceu, murmurou com uma voz abafada.

— San Marco! Ah! perfido monstro! Comigo te has de haver!

O visconde, vendo-se apenas com tres mil francos e cheio de colera contra o italiano, teve ideia de voltar a Bruxellas para se vingar; mas calculando que San Marco era bastante esperto para não ficar lá, resolveu partir para Aix-la-Chapelle, e hospedar-se em casa da viuva Verden. Assim fez.

Passaram-se oito dias em meditações de toda a especie, findos os quaes recebeu elle uma carta de San Marco annunciando-lhe a partida dos Desherbiers para Paris, e uma proxima visita do seu dedicado amigo.

Esta carta augmentou-lhe a indignação, e Donaciano partiu logo para Bruxellas, tendo-se disfarçado para não ser conhecido. Chegando á estação do Norte, foi immediatamente a casa do italiano, que era proxima. Perguntou por San Marco, e disseram-lhe que tinha partido havia alguns dias sem dizer para onde. O visconde tornou para a sua residencia cheio de raiva e desesperação.

Chegado o estio, a celebre cidade de aguas, requiriu a sua animação, mas o nosso heroe nunca sahia de casa. Uma noite porém, achando-se no caminho de Corneli Munster, e sendo colhido pela trovoadra, recolheu-se n'um café, em que se achavam muitos estrangeiros. Entre esses reconheceu e foi reconhecido por um inglez, com o qual fizera uma excursão ao monte Etna, acompanhados por San Marco.

O filho de Albion informou-o de que o italiano (com quem se encontrara por acaso) vivia em Echternach no hotel do *Veado*, cujo proprietario era o sr. Fohr.

— E o que fazia? perguntou Donaciano.

— Passeiava, e tinha tenção de passar lá toda a estação.

Ao separar-se do inglez, o visconde exclamou:

— Estás-me nas unhas! Ah! perfido monstro! Comigo te has de haver!

E entrando em casa, preveniu a viuva Verden de que se ausentava por alguns dias.

XXIII

A partida dos Desherbiers para Paris foi cheia de dissabores, para o avô e para Paulina. Esta conseguira do irmão o que pedira, mas fôra contrariada por Seraphim Torquant, um ente desprezível, que a amara contra vontade da pobre senhora, e sabendo do casamento, viera de proposito perturbar-lhes a felicidade. Era uma parte do celebre segredo, com que Gibraltar explorava Justino Desherbiers.

Valenson, perdida a esperança de punir o grande criminoso, e agravando-se-lhe os padecimentos, decidiu regressar ao castello de Tony-les-Reims. Mal chegou a Tony, cahiu gravemente enfermo, e ainda que tivesse os cuidados de Rotentout e de Anna Pêchel, logo que melhorou escreveu a Paulina que fosse alguns dias para sua casa. A viscondessa foi tendo pedido licença ao avô para demorar-se quinze dias.

E' tempo de tornar a fallar do antigo empregado da policia de Paris, a quem Donaciano se dirigiu pedindo informações dos Desherbiers por occasião do casamento. Trata-se de Aubry Beaubourg. Este, logo que soube do regresso dos Desherbiers, foi procural-os, e cahiu das nuvens quando soube quem era o tal visconde, e o que dera de si o casamento, para que elle Beaubourg tinha indirectamente contribuido. Homem experiente no officio, tomado de indignação pelo que acabava de saber, resolveu apanhar o criminoso.

Tinha encetado a sua obra, quando recebeu uma carta de Donaciano, pedindo, com o maior segredo, noticias da mulher, «que tinha abandonado porque assim lh'o impunha a sua honra.» Esperava resposta com brevidade na *poste restante* de Aix-la-Chapelle, onde se achava, dizia elle, de passagem para a Russia.

Esta carta foi recebida no dia immediato ao da partida de Paulina para Tony, partida que a viscondessa communicara a Beaubourg.

O antigo official de policia resolveu dirigir-se tambem a Tony, e sendo recebido por Anna Pêchel, e sabendo por ella que a viscondessa sahira com uma creada, pediu para fallar ao amputado. A custo conseguiu o seu intento, e depois de breves explicações entregou ao ex-coronel dos franco-atiradores a carta de Donaciano.

Lendo a carta, o homem sem pernas experimentou tamanha commoção, que deu um grito e desmaiou.

Anna Pêchel, que estava á porta com cuidado no doente, entrou no quarto, e em presença do estado de Valenson, imaginou que se tinha praticado um novo crime.

Levantou o enfermo, e deitando a mão ao primeiro objecto que encontrou, dispunha-se a bater no velho empregado de policia, quando entrou Paulina.

XXIV

Não se calcula o espanto e o medo, que se apoddeou d'esta ao vêr aquella scena! D'um lado Aubry

Beaubourg, como cahido das nuvens, prestes a ser espancado por Anna Pêchel, e do outro Heitor Valenson, apoiado á velha governante, com ares de quem ia morrer!

A neta de Desherbiers comprehendeu logo o que se passava, e correu para desarmar a velha; o amputado, que recuperara os sentidos, disse-lhe que era um engano, que já estava incommodado antes de entrar aquelle senhor.

Dadas todas as explicações, Anna Pêchel e Paulina retiraram-se, ficando os dois homens em conferencia. Valenson principiou:

— Sou d'uma sensibilidade nervosa extraordinaria. Não admira portanto que eu desmaiasse, porque já tinha perdido a esperança de que fosse castigado aquelle traidor. Com que então está em Aix-la-Chapelle, e veio metter-se na boca do lobo?

— Ou eu não sou mestre do meu officio, ou então hei de apanhar-o. Mas a pobre mulher, coitada!

— Tem passado horrores com este casamento, continuou Valenson.

— Mas segue o unico expediente digno d'uma senhora: a resignação. Parece-lhe, sr. Valenson, que será conveniente informal-a do que é feito do... ia dizer do marido.

— Não façamos nada sem consultar Morlant. Elle está em Charleville; mas vou chamal-o pelo telegrapho.

René Morlant chegou cedo, e admirou-se de saber que o terrivel bandido se descobrira a um homem, que por seu caracter e profissão, tinha o maior prazer e a maior gloria em o entregar á justiça franceza.

De feito, Aubry Beaubourg apresentou aos seus interlocutores uma *estrategia* (era o seu termo) para fazer *cahir* o supposto visconde n'uma *ratoeira*.

O ex-empregado policial devia mandar expedir de Paris uma carta para Donaciano, e estar em Aix-la-Chapelle quando ella chegasse, para dar com o esconderijo do facinoroso.

Durante este tempo, Donaciano tendo sabido por acaso extraordinario a residencia de San Marco, munio-se de papeis que pertenceram ao filho da viuva Verden, morto havia alguns annos, e partiu para o Grão-Ducado de Luxemburgo. Levava um sacco de viagem com os objectos necessarios para se disfarçar em camponez ou em operario.

Chegou a Diekirch, e depois de ter jantado no melhor hotel, soube que se andava construindo o caminho de ferro denominado do *Príncipe Henrique*. Na construcção das vias ferreas admittem-se trabalhadores de todas as procedencias, e como a questão é unicamente de braços, a policia fecha os olhos á conducta antecedente, limitando-se a fiscalisar o modo actual como elles procedem.

Donaciano resolveu ir trabalhar em algum larço nas proximidades de Echternach. Internou-se n'um bosque, vestiu o fato de operario, escondeu n'um rochedo o de homem da cidade, e foi andando a conversar com os terraplenadores, que encontrava, tendo consigo um livrete de operario, que pertencera ao filho da viuva Verden.

Entrou finalmente n'uma taberna, em que se achava um trabalhador, que pela pronuncia reconheceu ser francez.

— E bonito este logar, disse Donaciano; mas não ha por aqui estrangeiros?

— Eu só conheço um, que está no hotel do *Veado*; ha quem diga que é um inglez, e tambem já ouvi que é italiano.

Donaciano fez um movimento, e o rosto illuminou-se-lhe.

— Vive só?... Em que se diverte? perguntou elle.

— Passa todo o dia a pescar... olhe, elle alli vem.

O visconde levantou-se, e olhou pela janella. Era effectivamente San Marco andando devagar, com uma linha na mão, e um cesto às costas. Donaciano teve uma alegria immensa, profunda, que não poudes-

aberta, e levantou-se para sahir, quando reconheceu com alegria que o italiano continuava o seu caminho.

Como veio San Marco para Echternach? E' facil a explicação.

Senhor de todo o dinheiro do visconde, um desejo unico dominava o italiano: viver socegado. Não sabia onde fixar residencia, e entrando certo dia

No dia immediato ao da sua chegada a Echternach, Donaciano inscrevia-se como operario no caminho de ferro em construcção, com o nome de Philipport.

Foi viver proximo do hotel de Luigi, de modo que, nas horas de descanso, podia estudar os habitos do homem, contra quem tanto mais crescia o seu odio, quanto mais augmentava a sua vingança.



UM PASSADO TENEBROSO — Chegou a proposito

simular. Que ventura! O inimigo pescava, sahia para longe da cidade, frequentava logares ermos e sombrios!

Enquanto o falso operario fazia estas reflexões, Luigi parou defronte da taberna, como quem não sabe se ha de entrar ou não.

XXV

Donaciano teve um momento de horrivel anciedade; mas olhando para traz viu uma porta meio

n'um café ouviu a conversação de dois naturaes do Luxemburgo, que encareciam as bellezas e o poetico retiro d'aquella região abundantissima em peixe. O nosso homem decidiu logo ir para lá, e pondo o seu projecto em execução, hospedou-se no primeiro hotel, com o nome de Carlos Fielding — de que já tinha usado e que estava em circumstancias de justificar. — Polido e affavel para com todos, grangeou em poucas semanas as sympathias da população inteira. O proprio burgo-mestre tinha por elle a maxima consideração.

Elle bem conhecia San Marco e receiava ser descoberto.

Por fatalidade o italiano esteve muitos dias sem ir á pesca. Este facto desesperou o visconde de Monville, que não sabia a que deveria attribuir-o.

San Marco esteve constipado, e por isso limitava-se a ir ao Casino lér jornaes.

(Continua).